Representações da identidade na literatura de autoria negra no conto *Luamanda*, de Conceição Evaristo

Jackson Filipe da Silva Santos [1]
Tayse Silva de Azevedo [2]
Fernanda Lays da Silva Santos [3]
Diogo dos Santos Souza [4]

[1]Marechal Deodoro, Alagoas, Brasil, jfss15@aluno.ifal.edu.br
[2]Marechal Deodoro, Alagoas, Brasil, tsa21@aluno.ifal.edu.br
[3]Marechal Deodoro, Alagoas, Brasil, fernanda.santos@ifal.edu.br
[4]Marechal Deodoro, Alagoas, Brasil, diogo.souza@ifal.edu.br

RESUMO:

O presente artigo propõe uma reflexão aprofundada sobre as representações das identidades negras femininas na literatura contemporânea brasileira, tomando como objeto de análise o conto "Luamanda", integrante da obra de Conceição Evaristo. O estudo investiga como a autora utiliza a "escrevivência" e a tessitura narrativa para construir e ressignificar subjetividades que, historicamente, foram marginalizadas ou silenciadas pelo cânone literário. A análise concentra-se em temas fundamentais como a ancestralidade, a resistência, a maternidade e o enfrentamento das opressões interseccionais de raça, classe e gênero. A metodologia fundamenta-se em pesquisas bibliográficas e narrativas, buscando desvelar a experiência do ser-mulher-negra sob uma ótica interna, que privilegia a voz, os saberes e as dores da própria personagem. Os resultados do estudo revelam que o conto subverte estereótipos coloniais ao apresentar Luamanda não apenas como vítima de estruturas opressoras, mas como detentora de uma agência centrada na memória e no afeto. Conclui-se que a narrativa de Evaristo funciona como um território de cura e afirmação política, onde a identidade é reconstruída por meio da valorização da herança ancestral, consolidando a literatura como um espaço vital de insurgência e reafirmação da dignidade humana.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade Negra Feminina; Conceição Evaristo; Literatura Afro-brasileira; Gênero e Raça.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objeto de estudo o conto "Luamanda", da escritora Conceição Evaristo, que integra a coletânea *Olhos D'Água* (2014). A proposta é investigar as complexas representações da identidade na literatura de autoria negra, observando como a autora utiliza a narrativa para ressignificar subjetividades e abordar temas centrais como a ancestralidade, a resistência, a maternidade e as opressões de raça e gênero. Busca-se compreender de que maneira a personagem Luamanda se constitui como um espaço de agência e empoderamento, onde a identidade feminina negra é ativamente construída em contraposição aos estereótipos e à invisibilidade histórica.

A escolha deste tema justifica-se pela relevância da escrita de Evaristo no cenário literário brasileiro e afro-brasileiro, especialmente pelo seu conceito de "escrevivência", que entrelaça a experiência individual à memória coletiva. Ao trazer à tona vozes historicamente silenciadas, a obra permite problematizar as construções sociais e atuar não apenas como ficção, mas como instrumento de denúncia e afirmação identitária.

Para fundamentar essa análise, é necessário compreender o contexto social que atravessa as personagens de Evaristo. Conforme apontam Nascimento e Benatti (2020) em suas análises sobre o conto "Maria", a autora costuma apresentar mulheres cujas trajetórias são marcadas pelo racismo e pelas desigualdades. Nesse sentido, o conceito de racismo estrutural, desenvolvido pelo jurista e filósofo Silvio Almeida (2019), torna-se uma ferramenta teórica indispensável. Segundo o autor, o racismo não deve ser entendido apenas como atos isolados de preconceito ou anomalias comportamentais (racismo individual), nem apenas como práticas discriminatórias de organizações (racismo institucional). Para Almeida (2019), trata-se de um processo histórico e político que constitui a própria estrutura da sociedade, normalizando hierarquias e distribuindo desvantagens e privilégios de forma sistêmica. Sob essa ótica, percebe-se como o texto de Evaristo dialoga com essa realidade, expondo as engrenagens que moldam o cotidiano de suas personagens.

Diante disso, este trabalho estabelece como objetivo geral identificar e discutir as estratégias narrativas e simbólicas empregadas no conto para representar a experiência de ser mulher negra. Especificamente, pretende-se aprofundar as intersecções entre sexualidade e autoficção e discutir o "lugar de fala", demonstrando como a protagonista assume o controle de seu próprio discurso e história.

Para alcançar tais propósitos, a metodologia empregada caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa. O procedimento de análise consiste na leitura crítica e interpretativa do conto "Luamanda", confrontando os elementos literários com teóricos da crítica literária, da sociologia e dos estudos culturais. A análise dos dados busca, portanto, não apenas descrever o enredo, mas decompor os significados simbólicos que fazem da obra de Conceição Evaristo um eixo central na desconstrução de estereótipos e na celebração da existência negra.

VIDA E OBRAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Antes de adentrar na análise da obra, é fundamental apresentar brevemente a trajetória da autora. Conceição Evaristo nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 1946, em uma família de origem humilde. Mulher negra, oriunda de uma realidade marcada por desigualdades sociais, a autora construiu sua formação acadêmica ao longo de sua vida, tornando-se doutora em Literatura Comparada. Sua produção literária ganha destaque a partir dos anos 2000, consolidando-se como uma das principais vozes da literatura afro-brasileira contemporânea. Evaristo desenvolve o conceito de “escrevivência”, que articula escrita e vivência, valorizando experiências individuais e coletivas da população negra. Sua obra é marcada pela denúncia das desigualdades sociais e pela valorização da memória, da ancestralidade e da identidade negra, especialmente feminina.

Conceição Evaristo não é apenas uma escritora; ela é uma força da natureza que reorganizou o mapa da literatura brasileira contemporânea. Para entender sua importância, é preciso olhar para além do papel e enxergar o solo onde suas raízes foram plantadas.

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em 1946, em Belo Horizonte, na extinta favela do Pindura Saia. Sua história é um exemplo de resistência intelectual: Infância e Trabalho Criada em uma família de mulheres lavadeiras, Conceição trabalhou como empregada doméstica desde cedo para auxiliar no sustento da casa e financiar seus estudos. O Caminho Acadêmico: Contrariando as estatísticas de sua época, mudou-se para o Rio de Janeiro na década de 70, graduou-se em Letras (UFRJ), tornou-se Mestre pela PUC-Rio e Doutora em Literatura Comparada pela UFF. Visibilidade Tardia: Embora escrevesse desde a juventude, sua obra só ganhou o grande público e o reconhecimento do mercado editorial após os 50 anos de idade, evidenciando o abismo racial na literatura brasileira.

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em 1946, em Belo Horizonte, na extinta favela do Pindura Saia. Sua história é um exemplo de resistência intelectual: Infância e Trabalho Criada em uma família de mulheres lavadeiras, Conceição trabalhou como empregada doméstica desde cedo para auxiliar no sustento da casa e financiar seus estudos.

O Caminho Acadêmico: Contrariando as estatísticas de sua época, mudou-se para o Rio de Janeiro na década de 70, graduou-se em Letras (UFRJ), tornou-se Mestre pela PUC-Rio e Doutora em Literatura Comparada pela UFF. Visibilidade Tardia: Embora escrevesse desde a juventude, sua obra só ganhou o grande público e o reconhecimento do mercado editorial após os 50 anos de idade, evidenciando o abismo racial na literatura brasileira.

Conceição escreve a partir de uma ferida histórica que o Brasil ainda tenta cicatrizar: Nascida menos de 60 anos após a abolição da escravidão, ela cresceu em um Brasil que, embora "livre", não oferecia cidadania plena à população negra. Seu contexto é o da exclusão geográfica (a favela) e da subalternidade econômica (o serviço doméstico como destino "natural" da mulher negra).

Conceição formou sua consciência política durante a Ditadura Militar, período em que o Estado propagava a ideia de que o racismo não existia no Brasil. Sua escrita surge como uma denúncia direta a esse mito, revelando as violências cotidianas e o apagamento da subjetividade negra. A autora é contemporânea da efervescência do MNU nos anos 70 e 80. Esse contexto de militância e resgate da identidade afro-brasileira é o combustível para sua literatura, que se recusa a ser meramente contemplativa para ser política e insurgente.

REFLEXÕES SOBRE A MULHER NEGRA NA LITERATURA BRASILEIRA

A representação da mulher negra na literatura brasileira reflete um longo processo de exclusão e silenciamento histórico. Desde o período colonial, a literatura nacional foi moldada por um olhar eurocêntrico, branco e masculino, que relegou a mulher negra ao espaço da subalternidade. Por séculos, sua imagem foi construída por meio de estereótipos — ora a figura da empregada, da mãe devotada, ora da mulher hiperssexualizada —, sem acesso à voz narrativa. Essa ausência literária espelha o racismo estrutural que permeia a sociedade brasileira e suas formas de produção cultural.

Como afirma Bell Hooks (2019, p. 53), "falar enquanto mulher negra é um ato de resistência", pois rompe com uma tradição que tentou negar a humanidade e a complexidade dessas mulheres. Na literatura, esse gesto de resistência se traduz em narrativas que ressignificam a experiência feminina negra, não apenas como objeto de representação, mas como sujeito de sua própria história. A escritora Conceição Evaristo é uma das vozes mais expressivas dessa transformação. Em sua coletânea de contos *Olhos D'Água* (2014), ela constrói personagens negras plurais, complexas e marcadas pela vivência cotidiana de exclusão, mas também pela força e pela ancestralidade. A autora cria o conceito de escrevivência, definido como uma escrita que nasce das experiências e memórias do povo negro. Nas palavras de Evaristo (2017, p. 16), a "escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, mas para acordá-los dos seus sonhos injustos." Essa concepção dialoga com a perspectiva de Carla Akotirene (2018), que, ao discutir a interseccionalidade, propõe compreender as opressões de raça, gênero e classe como dimensões inseparáveis na realidade das mulheres negras. Akotirene (2018, p. 42) afirma que "a mulher negra carrega o peso de uma sociedade que insiste em negar sua humanidade", ideia que se articula diretamente com o projeto literário de Evaristo, pois ambas ressaltam a necessidade de dar visibilidade à experiência coletiva e às subjetividades negras femininas. Assim, a escrevivência torna-se uma escrita que denuncia, mas também cura; que revela as dores históricas, mas afirma a potência e a dignidade dessas mulheres.

A obra *Olhos d'Água* dá voz a mulheres que resistem às dores e às perdas, mas que também afirmam sua dignidade e sua capacidade de amar, sonhar e transformar o mundo ao redor. Em cada conto, há uma tentativa de reparar o silêncio imposto pela história oficial, de registrar o que antes era ignorado. Como destaca Sueli Carneiro (2011, p. 51), "a escrita da mulher negra é um ato político de insurgência, um meio de recuperar o direito à palavra e à existência".

O olhar de Evaristo se contrapõe às representações tradicionais da mulher negra na literatura do século XIX e início do XX, quando essas personagens raramente eram protagonistas. Escritores como Machado de Assis e Aluísio de Azevedo apresentaram figuras negras de forma secundária, geralmente associadas à servidão ou à tragédia, sem acesso à subjetividade. Foi apenas a partir das últimas décadas do século XX que a mulher negra passou a se inscrever como autora de sua própria história, em um movimento de reconstrução identitária e de afirmação estética.

Nesse sentido, Lélia Gonzalez (1988, p. 75) enfatiza que compreender a mulher negra é entender "a dupla opressão de raça e de gênero que a estrutura social brasileira impõe". Assim, quando autoras como Evaristo escrevem, elas rompem com essa estrutura, deslocando o lugar da mulher negra do "objeto representado" para o "sujeito que representa". O impacto dessa virada é profundo: a literatura deixa de reproduzir o silêncio e passa a ser espaço de memória, denúncia e afeto. A escrita de Evaristo é, portanto, uma escrita de resistência e de reexistência — termo que traduz o ato de existir apesar de todas as negações. Suas personagens revelam que o olhar da mulher negra carrega tanto a dor histórica quanto a potência de transformação. Como sintetiza Evaristo (2014, p. 9), "os olhos d'água de minhas personagens são espelhos de muitas vidas, reflexos de uma história coletiva que o tempo não apaga". Por meio dessa metáfora, a autora resgata a humanidade e a profundidade dessas mulheres, reafirmando que a literatura é também um território de luta e de cura.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise do conto *Luamanda*, de Conceição Evaristo, revela uma profunda reflexão sobre a construção e a afirmação da identidade negra feminina na literatura brasileira contemporânea. Os resultados obtidos a partir da leitura crítica da obra evidenciam que a autora propõe uma escrita comprometida com a valorização da memória, da ancestralidade e da resistência das mulheres negras, rompendo com estereótipos historicamente impostos pela literatura canônica.

Em primeiro lugar, observa-se que a personagem Luamanda é construída como símbolo da força e da autonomia da mulher negra. Sua trajetória expressa a luta pela reconstrução de si mesma em meio às marcas do racismo e do silenciamento social. Evaristo confere à protagonista voz e subjetividade, permitindo que ela narre suas dores, afetos e esperanças a partir de sua própria perspectiva. Essa estratégia narrativa rompe com a tradição literária eurocêntrica que, por séculos, retratou a mulher negra de maneira marginal ou objetificada. Assim, a autora reafirma a escrevivência — conceito que une escrita e vivência — como um gesto político de resistência e de reconfiguração identitária.

Outro resultado importante é a presença da memória e da oralidade como fundamentos da narrativa. A escrita de Evaristo não apenas registra experiências individuais, mas também dá continuidade à memória coletiva do povo negro, resgatando vozes silenciadas pela história. Através da linguagem poética e simbólica, o conto se aproxima da tradição oral africana, valorizando a ancestralidade e o pertencimento comunitário. A oralidade, nesse sentido, torna-se um elo entre passado e presente, entre o corpo e a palavra, fortalecendo a identidade cultural da protagonista.

Além disso, a análise evidencia que a autora rompe com padrões estéticos e narrativos impostos pela literatura tradicional. Luamanda apresenta uma linguagem afetiva, espiritual e poética, em que o sagrado, o sonho e a emoção ocupam lugar central. Esses elementos

revelam uma forma de representar a mulher negra para além da dor e do sofrimento, destacando também sua capacidade de amar, criar e transformar. Dessa maneira, Evaristo amplia o repertório de representações possíveis da mulher negra na literatura brasileira, humanizando-a e conferindo-lhe múltiplas dimensões identitárias.

Por fim, os resultados apontam que o conto contribui significativamente para o debate sobre representatividade e diversidade na literatura. A obra reafirma a importância da presença de autoras negras no cenário literário e educacional, pois suas narrativas permitem o reconhecimento de outras vozes, histórias e sensibilidades. Ao trazer à tona personagens que dialogam com as experiências reais de mulheres negras brasileiras, Conceição Evaristo não apenas amplia o espaço de fala dessas mulheres, mas também provoca o leitor a repensar suas próprias percepções sobre identidade, raça e gênero.

Em síntese, a análise de Luamanda demonstra que a literatura de autoria negra se configura como um instrumento de resistência, afirmação e reconstrução identitária. Conceição Evaristo, por meio de sua escrita sensível e política, transforma a experiência negra em arte e conhecimento, reafirmando a literatura como um território de emancipação e de valorização da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do conto Luamanda, de Conceição Evaristo, evidencia a potência da literatura de autoria negra como espaço de afirmação identitária, resistência e reconstrução simbólica da mulher negra na sociedade brasileira. Por meio de uma narrativa sensível e politicamente engajada, Evaristo rompe com a tradição literária que, durante séculos, invisibilizou as vozes e experiências negras, sobretudo as femininas. Sua escrita, marcada pela “escrevivência”, resgata histórias silenciadas e transforma a dor em palavra, a memória em permanência e a ancestralidade em força criadora.

As reflexões apresentadas neste artigo demonstram que a representação da identidade negra em Luamanda ultrapassa os limites da ficção, dialogando diretamente com a realidade social e cultural do Brasil. A autora utiliza a literatura como instrumento de reexistência, permitindo que suas personagens ocupem um lugar de fala e se reconheçam como sujeitos de

história, afetos e saberes. Essa dimensão simbólica reafirma o papel transformador da arte na luta contra o racismo estrutural e na valorização das identidades plurais.

Além disso, a obra de Conceição Evaristo contribui para a construção de uma literatura mais inclusiva, que reflete a diversidade de vozes e experiências do povo brasileiro. Ao reescrever a presença da mulher negra na literatura, Evaristo amplia o horizonte de representatividade e oferece novos caminhos para o ensino e a pesquisa literária comprometidos com a educação antirracista.

Portanto, conclui-se que Luamanda é mais do que um conto sobre identidade; é uma expressão poética e política de resistência, um gesto de amor e de memória. A escrita de Conceição Evaristo reafirma a importância da literatura como espaço de denúncia, de reconhecimento e de reconstrução de subjetividades historicamente negadas. Assim, sua obra se consolida como parte essencial do movimento de fortalecimento da literatura negra brasileira e de promoção da dignidade, da voz e da visibilidade das mulheres negras.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais).

ARAÚJO, Roselene Cardoso; VIEIRA JUNIOR, Paulo Antônio. O lugar de fala da mulher negra em Olhos d'água, de Conceição Evaristo. **Trama**, v. 16, n. 38, p. 75-88, 2020.

AU, Anson. Uma abordagem feminista negra aos métodos de pesquisa qualitativa antirracista: comemorando o legado de bell hooks. **Current Sociology**, v. 72, n. 6, p. 1185-1203, 2024.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.

FERREIRA, Luciana Pereira Queiroz Pimenta et al. A escrevivência de Conceição Evaristo como estratégia político-discursiva de resistência: uma leitura da tessitura poético-corporal-negra em "Olhos d'água". **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 56, n. 2, p. 251-261, 2021.

GOMES, Francisca Cibele da Silva. "Lua, Luamanda, companheira, mulher": representações do feminino no conto Luamanda, de Conceição Evaristo. **Revista Em Favor de Igualdade Racial**, v. 6, n. 2, p. 44-58, 2023.

NASCIMENTO, Keylla Amarilio do; BENATTI, Andre Rezende. "Maria": a representação da mulher negra e do racismo no conto de Conceição Evaristo. **Revista de Estudos de Literatura, Cultura e Alteridade – Igarapé**, v. 13, n. 1, p. 139-152, 2020.

RODRIGUES, Daiane de Moura. Escrevivências afrofemininas: sexualidades e autoficção em Luamanda. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, v. 28, n. 54, p. 78-89, 2022.

SANTOS, Mayra Silva dos et al. Construindo um debate acerca de educação antirracista e antissexista, a partir do pensamento social de Sueli Carneiro. **D'Generus: Revista de Estudos Feministas e de Gênero**, v. 1, n. 2, p. 34-57, 2022.

SIMÕES, Jorge Matheus. **História do movimento LGBTQIAPN+ no Brasil**: análise sociológica e suas escrevivências. 2023. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2023.

VIANA, Elizabeth do Espírito Santo. Lélia Gonzalez e outras mulheres: pensamento feminista negro, antirracismo e antissexismo. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 1, n. 1, p. 52-63, 2010.